

Veículo: *Valor Econômico*

Data: 06/10/2010

Autor: João Villaverde

Para Wolf, emergentes definirão o futuro do mundo

O mundo caminha para um modelo de "capitalismo de Estado", onde empresas e bancos estatais ganharão um papel crescente de protagonistas. Este mundo, que só pôde nascer devido a explosão da crise mundial, será cada vez mais orientado pelos países emergentes, tendo China e Índia à frente. A avaliação é de Martin Wolf, um dos mais influentes analistas econômicos do mundo e colunista do Valor, para quem a crise mundial de 2008 representou o "fim de uma longa era de dominação do mundo ocidental".

Convidado pelo Instituto Fernando Henrique Cardoso (IFHC) para uma palestra sobre a economia mundial, Martin Wolf falou ontem a um auditório formado por economistas, diplomatas, banqueiros e estrategistas políticos, cujas preocupações estavam assentadas na extensão das turbulências iniciadas há dois anos. "A crise mundial, realmente, está só começando. A situação parece menos pior nos Estados Unidos, mas nos países europeus a situação é dramática", afirmou.

O raciocínio de Wolf é o seguinte: o pacote de salvamento da economia grega não será bem sucedido, o que desencadeará todo um movimento de estresse nos outros países mais atingidos, como Espanha, Portugal, Irlanda e Itália. O pessimismo será então estendido aos demais países europeus, que não poderão utilizar o calote no enorme endividamento público presente, uma vez que os credores são, em boa parte, os próprios europeus. "Neste cenário, uma quebra do euro não está descartada", disse.

Ao mesmo tempo, a situação de países como China, Índia, Indonésia, Brasil e Turquia parece "tremendamente" melhor, segundo Wolf. No entanto, uma crise não está descartada. Perguntado sobre o momento da economia brasileira, que caminha para uma elevação em torno de 7,5% no Produto Interno Bruto (PIB) com a criação de 1,9 milhão de

vagas nos oito primeiros meses de 2010 e aumento da renda, o analista inglês se saiu com uma sugestão retórica. "Quando uma crise econômica parece surpreendentemente longe, ela será surpreendentemente grave. O melhor, por mais estranho que isso possa parecer, é ter pequenas crises de vez em quando", disse.

Ao Valor, Wolf afirmou que a disputa cambial entre os Estados Unidos e a China "está começando a engrossar". "Os americanos finalmente entenderão que não podem ser os compradores de última instância dos importados chineses, algo que ampliou enormemente sua dívida pública, toda nas mãos do Estado chinês. O governo dos EUA vai começar a aprovar sanções comerciais contra a China caso os chineses não permitam a valorização do yuan", disse.

Para Wolf, o crescimento chinês não resultará na transformação da moeda chinesa, o yuan, em moeda conversível, como o dólar, base de todas as transações financeiras e comerciais. "Isso significaria abrir mão de seu sistema bancário, algo que eles não vão fazer, principalmente porque a crise mostrou a importância do Estado ter o controle do sistema", afirmou.